

A Guerra da Abissínia nas Páginas do jornal Integralista *A Offensiva* (1935-1938)

Murilo Antonio Paschoaleto

Resumo: Entre os anos de 1935 e 1936 desenrolou-se, em terras africanas, o que, possivelmente, tenha sido um dos acontecimentos mais marcantes do conturbado período entre guerras mundiais, a Guerra da Abissínia. Tendo sido deflagrado num período marcado não apenas por uma profunda instabilidade política, econômica e social, conseqüências, sobretudo, da Primeira Guerra Mundial, mas também por disputas ideológicas, esse conflito entre a Itália e a Abissínia - o último país africano livre - acabou por atrair, além de atenção, a solidariedade de boa parte do mundo para ambos os lados em contenda.

Aliado à estes fatores, a peculiar condição de “última nação africana livre” mantida pelo Império Etíope até a invasão fascista, em 1935, foi um dos fatores responsáveis por tornar esse país, localizado no nordeste do continente africano, em um sinônimo de pertencimento e ancestralidade para os povos negros espalhados pelo mundo. Assim, como apontado por Sentinelo, essa guerra assumiu significados diferentes para cada um dos lados em contenda: se, pelo lado compreendido pela Itália e por aqueles que apoiavam a sua causa, o conflito ítalo-etíope foi considerado de suma importância para a consolidação do Império fascista italiano, por outro, compreendido pelos movimentos negros e pelas comunidades negras existentes ao redor do mundo, o mesmo conflito foi visto como uma agressão à única nação africana livre daquele momento e, conseqüentemente, uma agressão aos povos negros do mundo.

Em território brasileiro, a deflagração do conflito foi noticiada por inúmeros órgãos de imprensa das mais variadas orientações políticas, incluindo os que compunham a extensa cadeia impressa organizada pela Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento de extrema-direita brasileiro, de fortes características fascistas, fundado em 1932. No presente trabalho, buscamos evidenciar a forma com que a AIB, por intermédio das páginas do principal periódico da imprensa integralista, o jornal *A Offensiva*, apresentou aos brasileiros a Guerra da Abissínia. Tendo-se em vista que a eclosão desse conflito se deu num contexto de disputas ideológicas, e que a AIB, nesse ínterim, se posicionou ao lado da extrema-direita internacional, uma análise dessa natureza se mostra deveras interessante.

A AIB, por intermédio do jornal *A Offensiva*, o principal periódico utilizado pelos dirigentes do movimento para a difusão da doutrina integralista e o principal canal de contato entre as lideranças integralistas e os militantes de base, se posicionou, desde o início da deflagração da guerra, ao lado da Itália fascista e dos avanços de suas tropas em terras abissínicas. Depois de findada a guerra, com a vitória das forças italianas, o periódico se lançou numa insistente tentativa de demonstrar à sociedade brasileira que a anexação e a incorporação da Abissínia ao Império Italiano - anexação, esta, que estava sendo contestada pela Sociedade das Nações e pela grande maioria de seus membros integrantes - seria legítima.

Palavras-chave: Integralismo, Itália, Fascismo, Guerra da Abissínia.

Introdução

A Ação Integralista Brasileira (AIB) foi um movimento de extrema-direita brasileiro, de fortes influências e características - tanto organizacionais quanto ideológicas - fascistas, fundado em outubro de 1932 e extinto, ao menos oficialmente, em fins de 1937. Ao longo dos seus cinco anos de existência legal, a AIB se tornou o primeiro movimento e, posteriormente, o primeiro partido de massas organizado em âmbito nacional.¹

De acordo com a historiografia referente à AIB, grande parte do sucesso da inserção social obtido pelo movimento se deve, justamente, à existência de uma extensa rede de jornais e revistas que visavam não apenas a difusão da doutrina integralista, mas também a arregimentação de novos militantes.² De fato, a imprensa desempenhou um papel fundamental na organização, expansão e consolidação do movimento. Era através das páginas dos mais de uma centena de periódicos que a AIB tencionou atingir, basicamente, quatro objetivos: a) difundir a doutrina integralista; b) arregimentar novos militantes; c) “educar” a população; d) estabelecer uma padronização, em âmbito nacional, tanto da difusão ideológica quanto da própria estruturação do movimento.³

De todos os periódicos que compunham a rede impressa integralista, o jornal *A Offensiva* foi, indubitavelmente, o mais importante. O *A Offensiva* (1934-1938) circulou em periodicidade semanal entre 1934 e 1935 e diária entre 1935 até sua extinção, em 1938. Era editado no Rio de Janeiro, mas possuía circulação nacional. Além de servir como fonte de matérias e como modelo para pequenos jornais integralistas, era através dele que a doutrina integralista era difundida, de uma forma bastante simples e direta, à todo o Brasil.

Levando-se em consideração todas estas particularidades da imprensa integralista e, principalmente, do jornal *A Offensiva*, buscamos evidenciar, no presente trabalho, a forma com que a AIB, por intermédio das páginas do principal periódico da imprensa integralista, o jornal *A Offensiva*, apresentou aos brasileiros, fossem estes militantes integralistas ou não, a Guerra da Abissínia.

A Guerra da Abissínia foi um conflito travado entre Itália e Abissínia (ou Etiópia) ao longo de outubro de 1935 e maio de 1936. Tendo sido deflagrado num período marcado não apenas por uma profunda instabilidade política, econômica e social, mas também por disputas ideológicas, esse conflito entre a Itália e a Abissínia - o último país africano livre - acabou por atrair, além de atenção, a solidariedade de boa parte do mundo para ambos os lados em contenda.

Aliado à estes fatores, a peculiar condição de “última nação africana livre” mantida pelo Império Etíope até a invasão fascista, em 1935, foi um dos fatores responsáveis por tornar esse país, localizado no norte do continente africano, em um sinônimo de pertencimento e ancestralidade para os povos negros espalhados pelo mundo.⁴ Assim, como apontado por Sentinelo, essa guerra assumiu significados diferentes para cada um dos lados em contenda: se, pelo lado compreendido pela Itália e por aqueles que apoiavam a sua causa, o conflito ítalo-etíope foi considerado de suma importância para a consolidação do Império fascista italiano, por outro, compreendido pelos movimentos negros e pelas comunidades negras existentes ao redor do mundo, o mesmo conflito foi visto como uma agressão à única nação africana livre daquele momento e, conseqüentemente, uma agressão aos povos negros do mundo.⁵

O conflito ítalo-abissínio de 1935 foi deflagrado em inícios de outubro do mesmo ano, após os bombardeios aéreos italianos, sem a declaração formal de guerra, à cidade de Adwa. As forças militares das duas nações eram visivelmente desiguais, com uma supremacia incontestável dos italianos, o que gerou um enorme desconforto até mesmo para países que procuraram não se envolver mais diretamente no conflito. Ademais, a opinião pública

internacional, sobretudo após a utilização de armas químicas pelos italianos, se posicionava cada vez mais contrariamente ao episódio.⁶

O representante do governo etíope na Sociedade das Nações (SDN), que há meses já interpelava pelo seu país junto à organização, protestou, exigindo desta que aplicasse as sanções comerciais e financeiras, previstas no artigo nº 16 do Pacto da SDN, à nação agressora, no caso, a Itália. A SDN entendeu, na ocasião, que a Itália era, de fato, a nação agressora.⁷ Todavia, a adoção das sanções econômicas, contudo, não seria imposta pela Assembléia da organização, mas sim decidida de forma soberana por cada país, o que dificultou a efetivação das sanções, já que alguns países membros da SDN não aplicaram sanções algumas à Itália.

Como apontado por Marques, os países europeus, sobretudo a França e Inglaterra, e os EUA temiam que a adoção de medidas mais agudas pudessem ser consideradas, pela Itália, como uma declaração de guerra e, por isso, se limitaram à sanções mais brandas.⁸ Em termos práticos, as sanções econômicas impostas pela SDN não surtiram efeitos diretos no conflito e serviram mais para mostrar algum posicionamento da organização diante do conflito do que para, de fato, impedir as pretensões italianas em conquistar a Abissínia. Assim, apesar de a invasão italiana à Abissínia ter tido repercussão mundial, pouco foi feito, de fato, para evitá-la.⁹

Posteriormente, com o anuncio da intenção de Hitler, em março de 1936, em remilitarizar a região da Renânia, as potências européias, sobretudo a França, se mostraram ainda mais coniventes com a campanha empreendida por Mussolini na Etiópia. Essa atitude, segundo Marques, poderia ser justificada pelo temor das potências européias de que a imposição de maiores sanções à Itália poderia ocasionar numa possível aproximação entre Mussolini e Hitler.¹⁰

Em 6 de maio de 1936, as tropas italianas tomaram Addis-Abeba, a capital etíope, e enfim, oito meses após uma desgastante campanha em terras abissínicas, a conquista italiana se concretizava.

A Guerra Da Abissínia Nas Páginas Do *A Offensiva*.

A cobertura do *A Offensiva* ao conflito ítalo-abissíneo e aos seus desdobramentos não se deu apenas entre outubro de 1935 e maio de 1936, o período que compreendeu a guerra em si. Na verdade, a cobertura do periódico à Guerra da Abissínia e aos seus desdobramentos se estende de setembro de 1935 até, praticamente a extinção da folha, em inícios de 1938, ou seja, do imediato pré até o pós conflito ítalo-etíope.

Em 1935, o *A Offensiva*, talvez por conta de sua tiragem semanal, o que lhe tolhia a possibilidade de dirigir seu conteúdo para outros assuntos que não os relativos diretamente ao movimento integralista, não realizou uma cobertura aprofundada sobre a Guerra Ítalo-etíope. No entanto, à partir de janeiro de 1936, quando o periódico passa a ter edição diária, a cobertura realizada pela folha foi intensificada.

Em tiragem diária, o *A Offensiva*, além dos artigos pelos próprios integralistas, passou a contar com serviços de agências telegráficas (como *Havas*, *Reuters*, e outras) e de um “correspondente oficial”, chamado Luigi Ricci. Segundo a folha, a contratação de Ricci seria justificada pelo fato de o conflito ítalo-etíope ser, à época, um dos assuntos de maior relevância e de maior preocupação da opinião pública internacional. Assim, Ricci, que, segundo o *A Offensiva*, era jornalista e um dos “azes do periodismo mundial”, fora contratado e, duas vezes por semana, enviaria, por avião, correspondências sobre os movimentos bélicos no front comandado pelo general italiano Rodolfo Graziani. Além disso, a folha ressaltou que dispunha da exclusividade dos serviços de Ricci no Brasil.¹¹ Assim, as páginas do periódico,

quase que diariamente, foram, durante o período da Guerra da Abissínia, estampadas com inúmeras notícias sobre o conflito e sobre os avanços das tropas italianas em terras abissínicas.

Já em inícios de setembro de 1935, ou seja, um mês antes da deflagração do conflito, era noticiado, pelo *A Offensiva*, o constante esforço empreendido pelo regime fascista, desde o ano de 1934, em rearmar suas forças militares, objetivando a “expansão da Itália” para África e Ásia. Segundo dados apresentados pelo periódico, em 1934 o governo teria destinado 1.200 milhões de liras para “renovação do material” e da “reconstituição das reservas”, iniciado a construção de dois couraçados de 35 mil toneladas - provando, assim, “seu desejo de representar um grande papel no mar e de não limitar sua ação ao Mediterrâneo” - e aprovado três leis de “remilitarização da nação”, que visariam a “instrução pré militar, a post-militar e o ensino cultural nas escolas e nas universidades”. Ademais, um organismo, encarregado da inspeção da “preparação pré e post-militar”, teria sido criado para coordenar tais esforços e toda a indústria já estaria apta à uma “mobilização latente”, proporcionando à Itália se manter com seus “próprios recursos em tempo de guerra”.¹² Assim, de acordo com o periódico,

[...] toda a vida italiana está organizada para que a passagem do estado de guerra traga o mínimo possível de inconvenientes, á existência do tempo de paz. Sabe-se que as duas divisões de Messina e de Florença, enviadas para a Africa Oriental, foram imediatamente substituídas por unidades de formação mobilizadas, como um aviso dirigido á Allemanha, a respeito da manutenção do “statu-quo” na Austria [...]¹³

Após deflagrado o conflito, em três de outubro de 1935, o *A Offensiva* passou a dar, quase que diariamente, diversas notas de agências telegráficas apontando os avanços das tropas italianas em terras abissínicas. Ao mesmo tempo, o periódico procurou, através de distintos argumentos e justificativas, dar respaldo ao regime fascista no que se refere à deflagração e à legitimidade do conflito. Segundo os artigos veiculados pelo periódico, as justificativas seriam as mais variadas, como, por exemplo, a de que a Itália necessitaria de novos espaços para onde remanejar o seu excedente populacional, a de que a Itália teria assumido a responsabilidade de “levar a civilização” à uma nação bárbara, ou, ainda, a de que a Itália teria agido em legítima defesa, apenas defendendo a sua integridade territorial ante as constantes incursões ordenadas pelo governo abissínicio às colônias italianas na África.

O primeiro artigo do *A Offensiva* após desencadeado o conflito data do dia 19 de outubro. Nesse artigo, de autoria de Dantas, o periódico, se posiciona totalmente favorável à invasão desencadeada pela Itália. A justificativa para tal posicionamento, segundo o autor, seria a de que não haveria mais lugar, no mundo, para Estados “fracos”, que não souberam aproveitar dos recursos naturais fornecidos pela sua terra. Seria este, segundo Dantas, justamente o caso da Abissínia

Para nós a guerra na África tem o valor de uma advertência. No mundo haverá sempre lugar para os homens fracos, mas já não há para Estados fracos. De tempos em tempos, os povos prestam contas do que souberam fazer da sua riqueza e dos seus patrimônios históricos: esse é o sentido de muitas guerras. Há que se mostram com as mãos vazias, e lançam um olhar desesperado para os thezouros da terra que os annos passados lhes confiaram. Há os que chegam com as mãos transbordando, e exigem ainda os braços fortes deante de uma tarefa realizada. Deus dá então aos povos fortes a tarefa que não foi cumprida pelos fracos. Destes, a terra passa a novos donos, os filhos a novos chefes, e a tradição histórica vae alimentar uma nova vida, fecundar um futuro. Assim, Roma recolheu há millenios a grandeza dos primeiros gregos, abandonada pelos successores. Assim também há millenios, Roma recolheu sobre a protecção da sua força creadora, povos e terras de mãos vazias no occidente e no oriente. E assim também os nossos antepassados tomaram sob seu governo as terras e as gente que na America estavam perdidas, sem mensagem e sem socorro para transmittir á humanidade.

A guerra na Africa nos adverte do futuro. É inútil ouvir os sentimentalistas eternos ou as ridículas espécies dos juriconsultos. O que temos é de ver com todos os

nossos olhos, o destino dos povos conformados e vagarosos. É assim o choque do trabalhador com o preguiçoso. Ali está o mundo tomando dois povos contas rigorosas do que fizeram da riqueza e da vida que lhes foram confiadas. Pois nem uma nem outra podem ser guardadas, tem de ser postas em marcha, tem de se aplicar na produção universal da existência humana; as nações não são proprietárias com direito á incúria e á avareza; são administradores, dispensadores de um thesouro que nas suas maoes, ou rende, ou não pára.

O povo abyssinio é dono de thesouro parado. Pela voz tormentosa da historia, o mundo está em vésperas de lhe tirar esse mandato, inútil. Há povos em torno d'elle cheios de força, que pedem uma tarefa. Os velhos povos desaparecidos depois de glorias apagadas ou de longos destinos tão medíocres que d'elles não guardamos nem os nomes, estão chamando para o seu grêmio os povos senis que hoje, e os que não conseguiram sahir de uma infância interminável. Não se resiste a esse appello muito tempo [...].¹⁴

Não obstante, Dantas afirma que a Guerra ítalo-abissínia seria uma advertência ao Brasil, um país extenso e rico em recursos minerais, mas, “fraco”. O articulista aproveita a ocasião para declarar que o Integralismo seria a única força político social capaz de transformar o Brasil num país “forte”

A guerra na Africa é para nós uma advertência quase insolente. Somos depositários de stocks necessários á existência, stocks que temos de manipular, de pôr em marcha. Somos, além disso, senhores de uma estatura que pede uma voz e um espírito creador em proporção com ella. Toda a nossa historia colonial e inumeros instantes da vida no Imperio, foram prenúncios de grandeza , desmentidos pela precocidade da descendência.

Um dos maiores paizes do mundo, um dos mais fortemente fundados, um dos que tiveram mais fecunda infância, a mais melancólica mocidade.

Temos deante de nós já poucos annos para dizer ao que viemos, para dizer si viemos testemunhar a grandeza ou a miséria do homem, para optar entre a grande vida e o tumulto. Não estamos numa época em que se possa optar pela pequena vida, pela tranquillidade mediocridade. Não podemos esperar tolerância de um mundo em que há nações que não apenas “querem”, mas “podem” viver.

Estamos num momento exemplar da historia moderna. Os povos que não projetaram no universo o seu espírito creador, e que se fizeram gerentes todos do seu patrimônio, estão sendo chamados a uma prova irresistível. O esquecimento, abre-se para os receber. O sol só illuminará os estandartes da victoria.¹⁵

Outro argumento utilizado pelo periódico para justificar a deflagração do conflito seria o de que a Itália fascista teria agido em legítima defesa, apenas defendendo a sua integridade territorial ante as constantes incursões ordenadas pelo governo abissínia às colônias que a nação latina detinha no continente africano. Foi, justamente, essa idéia que o periódico tencionou divulgar em artigo veiculado no dia 19 de abril de 1936.

A divulgação dessa idéia se fazia, naquele momento, necessária, tendo-se em vista que a Sociedade das Nações (SDN), em outubro de 1935, julgou que a deflagração do conflito teria sido iniciada pela Itália, atribuindo, assim, à esta, não apenas o título de “Nação Agressora”, mas também impondo-lhe algumas sanções econômicas - cujos resultados se mostraram pífios, não surtindo maiores ou grandes impactos diretos na economia italiana.¹⁶

No dia 19 de abril de 1936, o periódico veiculou um artigo no qual declarou ter sido um “erro de Genebra” ter concedido à Itália o título “de nação agressora, no conflicto que se desencadeou na Africa Oriental”. Segundo o artigo, os membros da SDN teriam ignorado o fato de que a Abissínia – apresentada como uma “simples amalgama de tribus barbaras” – vinha, há tempos, ameaçando a segurança das colônias italianas na África e que, por este fato, a Itália nunca pôde delas tirar total proveito.¹⁷

De acordo com o artigo, a Itália, por diversas vezes, teria tentado manter uma relação cordial com o governo abissínia, não poupando esforços em estabelecer relações comerciais com a nação africana e tentado resolver os impasses existentes em torno dos “problemas de fronteiras”. Contudo, fora tudo em vão: “emquanto os governantes ethiopes recebiam com

hostilidade as propostas italianas, favoreciam, por outro lado, as pretensões inglesas, francesas e até mesmo japonesas”.¹⁸

Além do mais, segundo o periódico, o governo abissínio, além de sempre ter se mostrado hostil às propostas “conciliadoras” italianas, procurou, insistentemente, entre os anos de 1912 e 1934, desestabilizar e ocupar as colônias que a Itália possuía na África. Após apontar inúmeros incidentes que teriam sido provocados pelos abissínios, o artigo conclui, por fim, que a nação agressora e a geradora do conflito teria sido única e exclusivamente a Abissínia, “nunca a Italia”

Como se observa, a provocação etíope era bem um estado permanente, prejudicando seriamente o prestígio de uma nação forte e civilizada. Ora, esses factos não foram levados em consideração pelos estadistas de Genebra que, não satisfeitos em declararem a Italia, nação agressora, ainda acabaram decretando as famigeradas sanções econômicas, que não tiveram eficácia absolutamente alguma, em vista da brilhante reacção italiana. Entretanto, basta a citação desses trechos, para se concluir logicamente que a nação agressora e causadora do conflicto foi a Ethiopia, e nunca a Itália¹⁹

Outro argumento utilizado pelo periódico era o de que a Itália fascista iria levar a “civilização” à um povo bárbaro e primitivo. Assim, a vitória da Itália fascista não seria algo ruim para a Abissínia, pelo contrário. Foi justamente esta idéia que o periódico tencionou transmitir por intermédio do artigo veiculado no dia 19 de abril de 1935, ou seja, há poucos dias do fim da guerra, período no qual a vitória das armas italianas já era iminente.

Neste artigo, o *A Offensiva* procurou transmitir, aos seus leitores, a imagem de uma Abissínia atrasada, na qual praticamente inexistiam obras de infra-estrutura e saneamento básico, e onde imperava práticas bárbaras e desumanas, como a escravidão.²⁰ Segundo tal artigo, a Abissínia seria nada mais do que “um imenso mercado de escravos”, os quais estariam suscetíveis à todos os tipos de tortura, pois não “encontravam garantia alguma nas leis do país”. Lá, segundo o periódico, os escravos seriam tratados desumanamente, como animais, “com todos os requintes da brutalidade”: queimados com água fervente e ferro em brasa, castrados, torturados e enterrados em fundo de quintais.²¹

A Abissínia seria, ainda, de acordo com o mesmo artigo, “um foco de imundície”, onde a falta de saneamento básico proporcionaria a propagação de epidemias e pestes. Mesmo na capital do Império, Addis-Abeba, não haveria banheiros públicos e nem privados, à exceção dos existentes nas casas dos europeus e americanos, e os serviços de limpeza urbana, segundo o periódico, ficariam à cargo de abutres, chacais e hienas. Além disso, “levas e levas de leprosos e morphetivos infestam as ruas, numa promiscuidade revoltante”.²²

Em suma, de acordo com este artigo, a Abissínia seria uma nação atrasada, bárbara, na qual imperava a “incivilidade” e a brutalidade. Eis porque, segundo o periódico, a população “abexim” estava a se regozijar por onde as “tropas libertadoras” italianas passavam, afinal, em todas as regiões conquistadas pelos peninsulares, os italianos, de acordo com o periódico, extinguiram a escravidão, estariam construindo obras de infra-estrutura, edificações soberbas, prestando obras de assistências aos doentes, etc. Toda essa benevolência das tropas peninsulares, inclusive, explicaria as inúmeras rendições espontâneas de “tropas nativas” às “tropas libertadoras” italianas.²³ O artigo, por fim, é concluído com a idéia de que a Abissínia se tornaria, sob domínio do governo fascista, no maior “império colonial, agazalhando um povo livre e recebendo os fulgores da civilização mediterrânea, o gênio da Roma Eterna”

Os indígenas abexins, estão, agora, recebendo com a maior alegria, os soldados peninsulares que os vêm libertar dos erros e dos crimes commettidos pelos governos de Addis Abeba, durante séculos.

Em todas as regiões conquistadas, o marechal Badoglio já extinguiu a escravidão. Postos médicos de assistência aos doentes tem sido inaugurados com profusão. Rodovias magníficas estão sendo contruidas. Pontos, edificações soberbas e outros melhoramentos de emergência que posteriormente serão consolidados.

Dahi as submissões espontaneas dos nativos ás tropas libertadoras e os immediatos revides contra os oppressores ao serviço do Negus Selassié, como aconteceu ainda há bem poucos dias, quando os italianos derrotando os ethiopes em Quoram, alcançaram a cooperação das tribus Gallas que, cheias de ódio e sedentas de vingança, acabaram por massacrar as tropas exaustas do Leão de Judá.

Positivamente, a Abyssinia atrazada e retrogada de hoje, será amanhã, o maior império colonial, agazalhando um povo livre e recebendo os fulgores da civilização mediterrânea, o gênio da Roma Eterna!²⁴

Por meio da análise documental, verificamos que uma atenção especial, por parte do periódico, foi dada à missão “civilizadora” da Itália fascista na Abissínia. Assim, recorrentemente o *A Offensiva* veiculou artigos ou notas que tencionaram evidenciar e tornar público as obras que as tropas peninsulares estariam a realizar tanto no decorrer da guerra quanto depois de esta findada, com a vitória italiana.

Constata-se, assim, que o *A Offensiva* se posicionou, desde o início do conflito, ao lado da Itália fascista e dos avanços de suas tropas em terras abissínicas. Todavia, apesar de o periódico, insistentemente, afirmar que a Abissínia seria um país atrasado, seu povo, bárbaro, e de utilizar a “missão civilizadora” italiana como justificativa para a guerra, o periódico tencionou transmitir a idéia de que o conflito travado entre Itália e Abissínia não seria uma guerra entre raças. Como apontado por Sentinelo, o *A Offensiva* buscou “apresentar uma imagem positiva dos negros, afirmando, inclusive, que o conflito não era uma guerra de raças, e que grande parte dos africanos apoiava o exército italiano, lutando ao seu lado”.²⁵

Depois de findada a guerra, o *A Offensiva* deu início à veiculação de uma série de artigos tencionando demonstrar que a vitória italiana não poderia ser explicada exclusivamente pelas forças e pela clara superioridade das armas e estratégias italianas. Segundo o periódico, diante de tamanhas dificuldades com as quais a Itália se deparou, não apenas na Abissínia, mas também de toda a opinião pública e das grandes potências internacionais, a vitória italiana só poderia ser explicada pela “força de um ideal”, numa clara alusão aos ideais fascistas. Nesse sentido, o artigo *A Italia sahiu do temporal, vencedora*,²⁶ apesar de extenso, é exemplar.

Neste artigo, veiculado no dia 3 de maio de 1935, ou seja, apenas alguns dias antes de Mussolini anunciar a vitória italiana na Abissínia, o periódico procurou demonstrar que analistas internacionais, logo no início da empresa italiana, acreditavam que a Itália não poderia vencer a guerra contra a nação africana.²⁷ Os motivos apresentados seriam vários: alguns afirmavam que os soldados italianos não seriam bem preparados, não podendo, inclusive, serem comparados aos soldados franceses ou alemães; outros, que a inacessibilidade do terreno e a hostilidade do clima abissínic, bem como as incidências de moléstias e a inexistência de estradas pavimentadas ou não, acabariam por malograr a tarefa das tropas italianas; outros acreditavam, ainda, que as sanções impostas pela SDN, bem como as ameaças de novos embargos financeiros ou militares acabariam por humilhar o fascismo e impedir, desse modo, o “feito político-social-militar”.²⁸

A victoria italiana na Africa não pode ser vista unicamente pelo aspecto material: ella não se circunscribe somente ao aspecto militar, porque esse aspecto decisivo e esmagador, é efeito de causas profundas. Quando o mundo teve conhecimento do feito energico e decisivo do governo italiano, decidindo que suas legiões invadissem a Africa Oriental, penetrando em território ethiope, fortes camadas da opinião internacional se manifestaram scepticos quanto ao êxito da empresa em verdade, tarefa extremamente difícil e cheia de surpresas inauditas.

Houve quem procurasse desmerecer o valor do soldado italiano, acreditando na sua falta de combatitividade e resistência para supportar as agruras da jornada incerta. Pretendeu-se mesmo fundamentar tudo isso na observação de que o papel do soldado italiano na grande guerra não tivera destaque digno de ser comparado ao do soldado francez, ou ao do soldado allemão. Fazendo referencias a esse detalhe, uma das autoridades inglezas da Africa do Sul escrevera ao Negus aconselhando a

Selassié, que atacasse o invasor, sem esmorecimento e sem tréguas porque a seu ver, “os italianos não poderiam resistir por muito tempo” [...]

Outros, desprezando esse juízo absurdo, pretenderam ver na inacessibilidade do terreno, na inexistência de estradas, na hostilidade do clima, na calamidade das moléstias, na implacabilidade das chuvas, o malogro da campanha.

Finalmente, outros possuídos de incole calculista e exclusivamente mecânica, admitiram na rigidez do systema sancionista, adoptado em Genebra, bem como na atmospheria de ameaças de novos embargos financeiros ou militares acabariam por humilhar o fascismo e impedir, desse modo, a consumação do feito político-social-militar [...].²⁹

Todavia, de acordo com o *A Offensiva*, “os mezes passaram, assignalando sucessos e mais sucessos”, não só no front africano, como nos debates diplomáticos, e as mesmas camadas da opinião internacional, que antes duvidavam da vitória italiana, estariam estupefatas diante das realizações do regime fascista, não encontrando outra explicação possível para essa vitória que não a de um “milagre”

Todavia, os mezes passaram, assignalando sucessos e mais sucessos, não só nas linhas de fogo do front africano, como nos debates agitados no front diplomático.

Hoje, as tropas de Badoglio, estão accupando a capital ethíope e, a diplomacia italiana, procurando convencer ao mundo da necessidade que tem de reconhecer a legitimidade de sua campanha com a incorporação das novas terras, ao seu imenso e poderoso império colonial.

As mesmas camadas da opinião internacional que antes duvidavam da victoria italiana, estão, actualmente entibiadas com a aproximacao inconfundível desse triumpho de patriotismo, digno das tradições romanas.

Um jornal norte-americano, o ‘New-York Times’, apreciando os sucessos fascistas na Africa, não encontra outra explicação que possa substituir a do milagre [...].³⁰

O periódico afirma que sim, a “Itália sahiu do temporal vencedora”, todavia, ao contrário do que o *New York Times* afirmara, a vitória italiana não teria se dado por milagre algum. Pelo contrário, a vitória italiana poderia ser muito bem explicada: “a conquista da Ethiopia foi o resultado da victoria de um ideal, expressão da fé e da pujança espiritual de um povo”. Segundo o *A Offensiva*, quando os soldados italianos deixaram seu solo pátrio, levaram “argamassa em seus espíritos”, levaram a “força de uma convicção fortalecida na disciplina, no culto de dever e no amor da Pátria”.

A Italia sahiu do temporal vencedora. Genebra, que representa, no momento histórico, o symbolo do scepticismo democrático, curvou-se ao influxo do desanimo e do conformismo.

E agora, que os filhos da Loba cantam com alacridade e fervor os hymnos do patriotismo retumbante, bem depressa, nos apercebemos que a conquista da Ethiopia, foi o resultado da victoria de um ideal, expressão da fé e da pujança espiritual de um povo. Quando os soldados da Italia Nova deixaram o solo pátrio rumo á Africa, os estadistas envelhecidos e os inexpertos não quizeram ver que aquelles bravos levavam argamassa em seus espíritos, a força de uma convicção fortalecida na disciplina, no culto de dever e no amor da Patria.

Eis porque, o segredo de tão fulminantes victorias pode ser desvendado, contribuindo, desse modo, para provar a excellencia do nacionalismo immortal, que transforma os fracos de hoje, nos fortes de amanhã.³¹

Assim, após oito meses de intensa campanha em terras abissínicas, a conquista italiana se consumava, em 6 de maio de 1936. Logo a notícia chegou à Roma, Mussolini anunciou a fundação do Império Italiano na África e proclamou o rei Victor Emmanuel como o Imperador da Etiópia. Salassié, o imperador da Abissínia, fugira, dois dias antes, para a França e, em 30 de junho, proferira um emocionado discurso na tribuna da SDN, apelando para que a organização intercedesse em seu favor e em favor de seu povo. Como apontado por Marques, “pouco adiantou o emocionado apelo do Negus diante da agressão fascista”: em 15 de julho foram suspensas as sanções contra a Itália, e a SDN somente permaneceu não reconhecendo a soberania da Itália sob a Abissínia.³²

Depois de findada a guerra, não foi menos recorrente, também, o periódico veicular artigos defendendo a legitimidade da Itália em anexar a Abissínia e da necessidade de que os países reconhecessem a incorporação da nação africana ao Império Italiano. Não é aqui, certamente, o local para retomarmos, em detalhes, a discussão levantada, à época, em torno da legitimidade e do reconhecimento da anexação ou não da Abissínia pela Itália. Contudo, esta foi, de fato, uma discussão bastante calorosa nos meios políticos e diplomáticos internacionais, tendo-se em vista que mesmo a invasão da Abissínia já havia sido condenada pela SDN.

Em 13 de maio de 1936, ou seja uma semana após consumada a conquista italiana, o *A Offensiva* veiculou um artigo no qual teceu feroz crítica à SDN e à demora em se reconhecer a anexação da Abissínia pela Itália.³³ O periódico exigia mais pragmatismo da organização, pois a vitória italiana, segundo a folha, seria um fato que já estaria consumado. Segundo o artigo, os países membros da SDN estariam agindo como “médicos illustres”, reunidos em conferências para combinarem termos técnicos e elegantes com os quais deveriam ser regido o “atestado de óbito” de um paciente - no caso, a Abissínia – o qual nada poderia ser feito para “ressuscitar”

[...] Mussolini anexou a Abyssinia e proclamou Victor Emmanuel Imperador da Ethiopia. A Itália fascista venceu a guerra, apesar e contra a Liga, apesar e contra a Inglaterra, apesar e contra as sanções. Genebra, Londres e os sancionistas não querem reconhecer a incorporação do império negro á coroa da Itália. Estão no seu papel – o menor aqodamento nesse sentido seria, para cada um delles, renegar, com deslustre, a si próprio e a sociedade genebrina. É preciso salvar as apparencias, cohenestar as tortuosidades equívocas de uma diplomacia velhaca.

Genebra é hoje o emblema supremo e genuíno da liberal-democracia internacional e, como as nacionaes, não cabe duvidar, saberá amoldar-se rápida e suavemente aos factos consumados. A Abyssinia está annexada á Italia, o seu reconhecimento e consagração pelas nações da Liga é questão de tempo, de dias.

Falta-lhes o fogo sagrado, que só as entidades fortes, inspiradas por um ideal supremo, podem alimentar. Assim como a Itália – animada e movida pelo arrojado de uma ideologia impolluta – venceu a guerra; assim, unida e forte, sob a égide de um regimen integralista, saberá dominar a timidez tagarella de uma diplomacia inconsistente.³⁴

Pouco adiante, o artigo revela o seu propósito: apontar que, pelo Direito Internacional – e não pelos artigos e estatutos da SDN - a SDN deveria reconhecer a anexação e incorporação da Abissínia ao império italiano. Assim, declara a folha, “reconhecemos dentro dos princípios, preceitos, doutrinas, regras e normas do Direito Internacional, o direito pleno, inteiro e absoluto, que assiste á Italia para manter a anexação da Abyssinia”. De acordo com o artigo

[...] Para a existência jurídica de um Estado soberano, em Direito Internacional, são necessários três elementos essenciaes: o território, fundo nacional; a população, vida nacional; o “imperium”, governo próprio e independente. Desapparecido um desses elementos – o “imperium” – pela deserção dos seus legítimos representantes, desfaz-se a figura jurídica do Estado.

Esta é, pois, e não outra, a condição da Abyssinia, cujo governo próprio e independente esfumou-se, abandonando os dois outros elementos – território e população – desaggregados, á mercê do vencedor. Assim, no passado, desapareceram do concerto dos Estados soberanos e independentes: o Hanovre e Hesse, o Ducado de Nassau e a Cidade Livre de Francforte, incorporados á Prussia em 1866; as Duas Sicilias, a Toscana, Parma, Modena em 1859, e o Estado Papel, em 1870, absorvidos pela sobernia da Sardenha e muitos outros.

Negamo-nos a examinar o aspecto da questão, do ponto de vista do artigo 10 do Pacto da Liga das Nações, porque a desmoralização em que, gradativa e progressivamente, foi cahindo o Instituto de Genebra, desde a sua fundação, é de molde a não inspirar nem confiança nem respeito em tudo quanto se refira á sua acção, que nunca foi, porque não podia ser, imparcial, equânime e justiceira.

De pé estão os velhos e impreteríveis princípios do Direito Internacional, a sustentar o direito da Itália sobre um território que, pela deserção dos seus órgãos dirigentes, transformou-se de facto e de direito um “res nullius”, á disposição do vencedor ocupante.³⁵

É, de fato, bastante curiosa a argumentação utilizada pelo *A Offensiva*, ou seja, que não dever-se-ia levar em consideração, para intermediação no caso ítalo-abissínio, os artigos e estatutos da SDN, mas sim os do Direito Internacional. Segundo o periódico, a SDN se encontraria desmoralizada, e, dessa forma, não seria modelo e nem inspiraria confiança ou respeito em suas ações e, ademais, o periódico aponta para que as decisões da organização nunca foram “imparciais, equânimes e justiceiras”. Levando-se tais fatos em consideração, o periódico julga que as resoluções em torno do caso ítalo-abissínio devem ser discutidas com base nos “velhos e impreteríveis princípios do Direito Internacional”, o qual sustenta a legitimidade da anexação da Abissínia - que se encontrar-se-ia, desde a fuga de Salassié para a França, sem governo - ao Império Italiano.

Considerações Finais

Após a análise documental, constata-se que o *A Offensiva* se posicionou, desde o início da deflagração da guerra, ao lado da Itália fascista e dos avanços de suas tropas em terras abissínias. Ademais, verifica-se, também, que o periódico, além de ter se posicionado, invariavelmente, ao lado da Itália e do regime fascista, também procurou apresentar, aos seus leitores, justificativas que dessem respaldo à incursão italiana em terras etíopes. Igualmente, verificou-se que mesmo depois de findada a guerra, com a vitória das forças italianas, o periódico se lançou numa insistente tentativa de demonstrar à sociedade brasileira que a anexação e a incorporação da Abissínia ao Império Italiano - anexação, esta, que estava sendo contestada pela Sociedade das Nações e pela grande maioria de seus membros integrantes - seria legítima.

Não obstante, é digno de nota, ainda, a insistente tentativa do *A Offensiva* em demonstrar que a vitória italiana não poderia ser explicada exclusivamente pelas forças e pela clara superioridade das armas e estratégias italianas. Segundo o periódico, diante de tamanhas dificuldades com as quais a Itália teria se deparado, não apenas na Abissínia, mas também de toda a opinião pública e das grandes potências internacionais, a vitória italiana só poderia ser explicada pela “força de um ideal”, numa clara alusão aos ideais fascistas.

Por meio da análise documental, fica evidente não apenas o apoio e a simpatia integralista à causa italiana, mas também que os integralistas, por intermédio das páginas do principal periódico do movimento, despenderam enormes esforços no intuito de transmitir, à sociedade brasileira, uma imagem simpática do regime fascista italiano.

Referências Bibliográficas

CAVALARI, Rosa Maria Feteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: Edusp, 1999.

MARQUES, Alexandre Kohlrausch. “A questão ítalo-abissínia”: os significados atribuídos à invasão italiana à Etiópia, em 1935, pela intelectualidade gaúcha. 2008. Dissertação (Mestrado em História)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos. *Imprensa integralista, imprensa militante (1932-1937)*. 2009. 388 f. Tese (Doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SENTINELO, Jaqueline Tondato. *O negro e a nação integral por meio das páginas do periódico integralista A Offensiva*. Dissertação (Mestrado em História). 2011. 178 f. Universidade Estadual de Maringá: Maringá, 2011.

¹ CAVALARI, 1999; OLIVEIRA, 2009.

² Ibidem.

³ OLIVEIRA, 2009.

⁴ MARQUES, 2008.

⁵ SENTINELO, 2011.

⁶ MARQUES, 2008.

⁷ SENTINELO, 2011.

⁸ MARQUES, 2008.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ No “Front” sómalo, entre “askaris” e “dubats”. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 92, 30 de jan. 1936, pp. 1 e 5.

¹² O rearmamento no Mediterraneo. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 69, 7 de set. de 1935, pp. 1 e 12.

¹³ Ibidem.

¹⁴ DANTAS, S. T. Guerra na Africa. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 75, 19 de out. de 1934, p. 2.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ MARQUES, 2008.

¹⁷ Abyssinia, nação agressora. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 160, 19 de abr. de 1935, pp. 9 e 11.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ Ibidem.

²⁰ Abyssinia, nação agressora. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 160, 19 de abr. de 1935, pp. 9 e 11.

²¹ Ibidem.

²² Ibidem.

²³ Ibidem.

²⁴ Ibidem.

²⁵ SENTINELO, 2011.

²⁶ A Italia sahiu do temporal, vencedora. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 172, 3 de mai. de 1935, p. 13.

²⁷ Ibidem.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Ibidem.

³¹ Ibidem.

³² MARQUES, 2008.

³³ Momento Internacional. *A Offensiva*, Rio de Janeiro, ano II, n. 179, 12 de mai. de 1936, p. 2.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Ibidem.